

## QUALIDADE DE VIDA NAS CIDADES | CONFERÊNCIA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS/JN

“A mobilidade está para a cidade como as veias estão para as pessoas”



Mais e melhores meios de transportes, núcleos urbanos mais próximos dos cidadãos. A ideia é simples, faltam os passos para a conseguir concretizar de uma forma plena

Pedro Emanuel Santos  
pedro.santos@ext.jn.pt

**MOBILIDADE** “As cidades vivem períodos de grande transformação”. O mote foi dado por Paula Teles, presidente do Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade, e deu azo a profícua discussão sobre como encontrar mais e melhores formas de mobilidade para que seja possível transformar as urbes etorná-las mais aprazíveis a quem nelas habita. Foi esse o desafio que juntou quatro especialistas, ontem, no Quartel da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, reunidos para a conferência da Caixa Geral de Depósitos, em colaboração com o “Jornal de Notícias”, dedicada à “Qualidade de vida nas cidades”. O painel “Mobilidade e os transportes como fator-chave da qualidade de vida nas cidades” juntou, além de Paula Teles, Fernando Nunes da Silva, professor catedrático no Instituto Superior Técnico e ex-vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Tiago Braga, presidente da Empresa Metro do Porto, e Rui Igreja, presidente da MUBI – Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta. Paula Teles deu a dica e prosseguiu

com o retrato atual das cidades, “que já não são só o automóvel, mas essencialmente as pessoas”.

A especialista considera que há muito para fazer numa matéria que diz respeito a todos e sobre a qual devem ser procuradas soluções globais. “A mobilidade está para a cidade como as artérias e as veias estão para as pessoas. É uma questão social”, lembrou. Por isso, “há que planejar com o fazer para que as pessoas se transformem do carro para outros transportes. As redes têm que ser estudadas”.

Apesar do incremento dos transportes públicos, Paula Teles entende que há ainda caminho longo a percorrer. E nem o alargamento dos títulos de transporte e a respetiva redução de preços foi solução definitiva para problema antigo. “A oferta não acompanhou a redução geral do preço dos passes intermodais. Muitas pessoas podem regressar ao automóvel”, alertou. “Transportes deviam ser um direito, tal e qual é a habitação”, entende.

Se houve realidade onde os reflexos do aumento de titulares de passes de transporte se fez sentir foi no metro do Porto. O presidente da empresa deu conta disso mesmo.

“Em 2019 tivemos 71 milhões de clientes, acima do cenário base de 60 milhões”, revelou Tiago Braga.

O processo de expansão da rede atualmente em curso prevê sete novas linhas até 2030. Uma medida que “já vem, aliás, com anos de atraso”, notou. “Foram dez anos sem qualquer tipo de investimento. Perdemos uma década”, lembrou o administrador da Metro do Porto. Que pediu uma “análise transversal” às questões de mobilidade. E que adiantou novidades: “Vamos reforçar este ano a frequência da Linha Amarela de 11 para 16 veículos por hora para adequar a oferta à procura.”

Nunes da Silva, por seu lado, começou por criticar a forma como a questão da mobilidade tem sido encarada ao longo dos anos. “Avançamos primeiro para soluções antes de discutirmos os objetivos”, criticou. “É preciso diminuir os impactos ambientais associados à mobilidade”, referiu o antigo vereador da

“É preciso diminuir os impactos ambientais associados à mobilidade”



Câmara Municipal de Lisboa, que trabalhou com o atual primeiro-ministro, António Costa, quando este liderava a autarquia alfacinha.

“Desde há décadas que priorizamos o automóvel”, lamentou Nunes da Silva, que alertou para o facto de existirem elementos “que não se mudam de uma dia para o outro” e de “estarmos a deitar fora tecnologia, conhecimento e ciência” numa era em que o “espaço público deveria ser devolvido ao usufruto das pessoas.”

Rui Igreja, presidente da MUBi, assinalou que “a mobilidade é um problema político que deve ser resolvido através de soluções políticas”, lamentando que “exista muita discussão e pouca prática.”

Mesmo assim, disse ter esperança que a estratégia nacional para o incremento do uso da bicicleta, em vigor desde 2019, consiga introduzir mudanças significativas que levem ao maior uso” deste meio de transporte.”

“Devíamos ensinar desde cedo as crianças a andar de bicicleta”, desafiou Rui Igreja, que apelou ainda às empresas para que façam o seu papel na proliferação da mensagem ambiental. ●

**1. Painel sobre mobilidade abriu trabalhos**

**2. Cerca de 500 pessoas assistiram à conferência que foi transmitida em direto nos sites do JN e da CGD**

**3. Após o debate, foi inaugurada a exposição da artista italiana Elisa Strinna, no espaço Culturgest, da Caixa Geral de Depósitos do Porto**



**Nunes da Silva**  
Professor catedrático no Instituto Superior Técnico

“Desde há décadas que priorizamos o automóvel, há elementos que não se mudam de um dia para o outro”



**Tiago Braga**  
Presidente da Empresa Metro do Porto

“Vamos reforçar este ano a frequência da Linha Amarela de 11 para 16 veículos por hora”



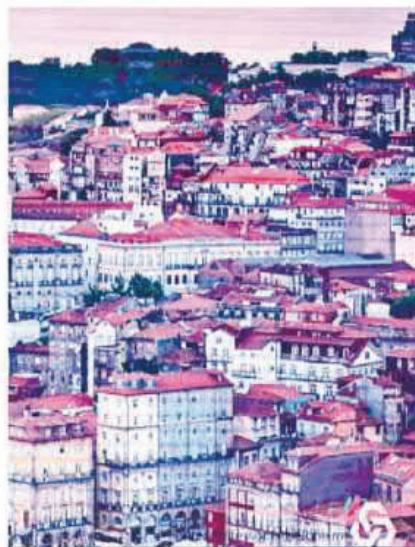
**Paula Teles**  
Presidente do Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade

“Há que planear como fazer para que as pessoas se transfiram do carro para outros transportes”



**Rui Igreja**  
Presidente da MUBi

“A mobilidade é um problema político que deve ser resolvido através de soluções políticas”



Paulo Macedo acredita haver boas condições para manter níveis de investimento

# “Ambiente está no topo das prioridades da Caixa Geral de Depósitos”

Previsões Paulo Moita de Macedo, presidente da Comissão Executiva da CGD, otimista em relação ao panorama atual



**ECONOMIA** “Nunca houve uma concentração tão grande de riscos em termos de ambiente”. A certeza é do presidente da Comissão Executiva da Caixa Geral de Depósitos (CGD). Paulo Moita de Macedo entende que a banca tem novas responsabilidades perante tal cenário. E deixa uma certeza: “O ambiente está no topo das prioridades da Caixa”.

Apesar de considerar que “não há indústria que não seja afetada pelos efeitos das alterações climáticas”, Paulo Moita de Macedo considera que tal não é motivo para baixar a guarda. “Devemos centrar a nossa economia na natureza”, considera.

Isto numa altura em que os desafios das novas tecnologias são, também eles, prementes e devem ser encarados com o máximo de profissionalismo e atenção. “Não há futuro para muitos setores se não se digitalizarem”, alerta Paulo Moita de Macedo.

Numa altura em que a economia vai dando sinais de abrandamento da Europa, sinais pro-



**Paulo Macedo**  
Presidente da Comissão Executiva da CGD

“A Europa cresce menos, sim, mas o Brasil, a Ásia e os Estados Unidos estão a crescer de forma robusta. Há arrefecimento, mas não recessão”

“Não há futuro para muitos setores se não se digitalizarem”

venientes de outras paragens são motivo para sorrir. “A Europa cresce menos, sim, mas o Brasil, a Ásia e os Estados Unidos estão a crescer de forma robusta. Há arrefecimento, mas não recessão”, lembra.

Apesar de tudo, os últimos indicadores trazem otimismo para Portugal, que parece correr em contraciclo. “Portugal cresceu 2% em 2019 e não apenas 1,6% como estava previsto. Crescemos acima de um conjunto de países da União Europeia, nomeadamente a França e a Alemanha”, notou.

O líder máximo da Caixa Geral de Depósitos considera que há fatores que permitem olhar em frente sem receios maiores. “As taxas de juro são as mais baixas de sempre e a perspetiva é que assim se mantenham nos próximos três/quatro anos. Logo, estão criados bons enquadramentos para o investimento”, lembrou.

“No final deste ano, teremos o nível de crédito vencido mais baixo dos últimos anos. Apenas 1,1% no caso da CGD e 4% em termos brutos”, concluiu. ●

## QUALIDADE DE VIDA NAS CIDADES | CONFERÊNCIA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS/JN



SUSANNE PETER/GETTY IMAGES/CONTRASTO

Painel dedicado às empresas, onde se desceu ao detalhe e aos aspetos práticos de uma inovação que depende do labor dos empresários

# “Reter recursos qualificados é um desafio”

Três gestores, três visões abrangentes sobre o papel das empresas e de como estas podem contribuir para gerar riqueza e bem-estar

**Pedro Emanuel Santos**  
pedro.santos@ext.jn.pt

**EMPRESAS** “Há que inovar sem descurar a tradição e a história.” A receita é de Tomás Roquette, administrador do Grupo Quinta do Crasto e um dos três participantes no painel “Desafios empresariais e de inovação”, juntamente com Francisco Cary, administrador executivo da Caixa Geral de Depósitos, e Ricardo Bastos, CEO do grupo dreamMedia, painel que contou com a moderação de Pedro Araújo, editor do “Jornal de Notícias”.

O trio de especialistas apontou caminhos que podem dar pistas importantes sobre os reptos que as empresas têm pela frente e que não deverão deixar para trás se quiserem ganhar o campeonato da competitividade. Um deles passa pela captação e manutenção de mais e melhor mão de obra.

“Reter recursos qualificados é

um desafio grande”, admite Francisco Cary.

Já para Ricardo Bastos, “os colaboradores querem sentir-se parte das empresas e dos projetos. Não conta apenas a parte salarial, é importante que se sintam permanentemente motivados para irem todos os dias para o local de trabalho.”

Tomás Roquette, a propósito, lembrou o próprio exemplo e a dificuldade com que chegou a depa-

“Há que inovar sem descurar a tradição e a história”

“Portugal deve criar condições para as pessoas ficarem no país, felizes”

rar-se para conseguir trabalhadores que acrescentassem mais-valia real. E pediu que “Portugal crie condições para as pessoas ficarem no país, felizes.”

Numa espécie de ante-cipação do futuro, os três responsáveis referiram que há estratégias a seguir para que Portugal e a economia não fiquem para trás e cresçam sustentadamente. “É necessário trabalhar para a próxima década e não apenas para o próximo ano. Só assim se constrói o futuro”, indicou Ricardo Bastos.

Para Francisco Cary, “a Caixa Geral de Depósitos está sempre atenta ao meio empresarial e este ano tem 3000 milhões de euros destinados à aprovação de crédito às empresas. “É preciso estar sempre atento às novas oportunidades que eventualmente possam surgir, nomeadamente no que diz respeito ao turismo ou ao património histórico”, sublinhou, por seu lado, Tomás Roquette. ●



**Francisco Cary**  
Administrador-executivo  
da Caixa Geral de Depósitos

“A Caixa Geral de Depósitos está sempre atenta ao meio empresarial e este ano tem 3 000 milhões de euros destinados à aprovação de crédito às empresas”



**Ricardo Bastos**  
CEO da dreamMedia

“É necessário trabalhar para a próxima década e não apenas para o próximo ano. Só assim se constrói o futuro”



**Tomás Roquette**  
Administrador do Grupo  
Quinta do Crasto

“É preciso estar sempre atento às novas oportunidades que eventualmente possam surgir, nomeadamente no que diz respeito ao turismo ou ao património histórico”



**Fernando Alexandre, professor universitário e economista**

“É fundamental Portugal exportar a partir de grandes multinacionais”

**Economia** Fernando Alexandre, professor na Universidade do Minho, traça retrato negativo. Mas aponta sinais de optimismo

**NORTE** Uma região que perdeu população e perspectivas de crescimento, que não tem um aceitável índice de escolaridade nem gestores qualificados. Resumindo, uma região que se apresenta como “a mais pobre de Portugal”, diz em as estatísticas. Este é o cenário macroeconómico do Norte nas palavras do economista Fernando Alexandre.

O também docente na Universidade do Minho apresentou aos presentes no X Encontro Fora da Caixa um breve, mas categórico, retrato do que tem sido a evolução (ou falta dela) económica de Portugal desde o início do século XXI. Duas décadas marcadas por crescimento anémico, pela grande crise financeira e respetivas consequências, pelos poucos sinais de optimismo e convergência em comparação à média da União Europeia (UE), apenas revertidos pelas indicações mais animadoras dos últimos anos. “Pior só se recuarmos aos tempos do fim da monarquia e início da República, no início do século XX”, resumiu.

Fernando Alexandre foi claro: “Ficámos fora da globalização. O comboio não parou nessa estação, fomos um simples apeadeiro”, classificou.

O Norte não ficou bem na fotografia pelas razões acima explicitadas. No entanto, Fernando Alexandre deixou dois bons exemplos que podem servir de inspiração para que outros sigam o mesmo caminho. “A Bosch, em Braga, e a parceria da BMW com a Critical Software, no Porto, são sinais de como é possível criar produtos novos a partir de Portugal para o Mundo todo. É fundamental entrarmos nas grandes cadeias de valor e conseguirmos exportar a partir de grandes multinacionais”, apontou.

Para o economista, o crescimento só apresentará números mais sorridentes “se for possível atrair e capitalizar o talento.” Para tal, a receita passa por “definir objetivos e, conseqüentemente, saber-mos aplicar os conhecimentos à nossa disposição, como no ramo tecnológico.”



**Andreia Garcia, arquiteta e professora universitária**

“Há que antecipar o que vai acontecer e evitar a ruína das cidades”

**Futuro** A arquiteta Andreia Garcia é adepta da discussão clara e produtiva sobre os núcleos urbanos. Há riscos, diz, embora não falem ideias

**CIDADES** “As casas vão deixar de ser tal qual as conhecemos, as cidades também”. A convicção é de Andreia Garcia, arquiteta e professora universitária na Beira Interior, no Minho e em Londres (Reino Unido).

Possuidora de uma visão ampla sobre os núcleos urbanos e de como estes interagem com que os habita, Andreia Garcia entende que o desafio em relação ao futuro está em cima da mesa e é “impossível virar-lhe costas.”

“O momento presente é de mutação. Estamos perante cenários inéditos. Os edifícios terão que ser outros, questões como as alterações climáticas e as novas tecnologias colocam desafios interessantes. As antigas tipologias estão condenadas à ruína”, defende.

Por isso, a especialista entende que é necessário começar, desde já, a preparar o que aí virá. Sem dogmas e com abertura de espírito para acolher o que é novo sem receio de que o choque inicial seja travão para a melhoria de qualidade de vida.

“Em concreto, daqui a 100 anos as cidades não vão ser muito diferentes do que são hoje. A grande e principal diferença é que o tecido, esse sim, deixará de ser monofuncional como na atualidade. E esse é um risco muito grande”.

Algumas das infraestruturas que hoje fazem todo o sentido deverão deixar de o fazer a médio e longo prazo. “Como é o caso das bombas de gasolina, que com o advento dos carros elétricos passarão a não ter qualquer funcionalidade. E até as igrejas, que poderão passar a servir o setor terciário”, antecipa. E os próprios imóveis habitacionais serão alvo de mudança. “Porque nem todas as casas são lares e nem toda a memória é boa”, assinala Andreia Garcia, para quem a estratégia ideal passa por “antecipar o que vai acontecer” e preparar o futuro o mais antecipadamente possível.

“A provocação é mesmo essa. Discutir o futuro é um bom motor para começar a olhar para o que deve ser feito”, explicou a arquiteta.

# JN

Jornal de Notícias



**Presidente recebeu médicos e religiosos contra a eutanásia** p. 10

**Aviação**  
Venezuela acusa TAP de "transporte de explosivos" e impede voos

Companhia garante cumprimento de todas as normas de segurança p. 14

**Parlamento**  
Partidos querem eliminar comissões bancárias

Serviços mínimos gratuitos e isenções nas transferências de MB Way p. 33

# Maioria das multas aplicadas a banqueiros fica por pagar

São quase 17 milhões de euros a uma dezena de gestores ao longo dos últimos 15 anos

Ricardo Salgado (BES), João Rendeiro (BPP) e Jardim Gonçalves (BCP) no topo Páginas 8 e 9

**Fecharam fábrica de calçado e despediram 150 pessoas mas abriram stand na feira de Milão**

P. 28

**Droga Hells Angels** alvo de nova investigação por tráfico p. 20

**Gaia** Estado indemniza baleada pela GNR em carro furtado p. 22

**S. J. da Madeira** Fita adesiva nas janelas para travar frio no tribunal p. 25

## "SLOGANS CONTRA O RACISMO NÃO SERVEM PARA NADA"

Marega "gostava que o jogo em Guimarães tivesse parado"  
Centenas de adeptos arriscam coimas até dez mil euros  
"Task force" da PSP analisa imagens e som das câmaras  
Costa lamenta "humilhação" e Marcelo pede "bom senso" p. 4 a 7

**F. C. Porto**  
Casillas candidato à Federação Espanhola p. 44



INFORMAÇÕES: ANTONIO FERREIRA



PUBLICIDADE

**OURO**  
PRATA | RELÓGIOS  
COMPRA & VENDA  
**DINHEIRO IMEDIATO!**

Conheça também a venda c/ opção de compra até 48 meses!

**Valores**  
808 256 737  
WWW.VALORES.PT